

CICATRIZES

A produção da obra *8 de Janeiro de 2023*, de Vik Muniz

CICATRIZES

A produção da obra *8 de Janeiro de 2023*, de Vik Muniz

SENADO FEDERAL

Mesa
Biênio 2023–2024

Senador Rodrigo Pacheco
PRESIDENTE

Senador Veneziano Vital do Rêgo
PRIMEIRO-VICE-PRESIDENTE

Senador Rodrigo Cunha
SEGUNDO-VICE-PRESIDENTE

Senador Rogério Carvalho
PRIMEIRO-SECRETÁRIO

Senador Weverton
SEGUNDO-SECRETÁRIO

Senador Chico Rodrigues
TERCEIRO-SECRETÁRIO

Senador Styvenson Valentim
QUARTO-SECRETÁRIO

Senadora Mara Gabrilli
Senadora Ivete da Silveira
Senador Dr. Hiran
Senador Mecias de Jesus
SUPLENTE DE SECRETÁRIO

Ilana Trombka
DIRETORA-GERAL

Gustavo A. Sabóia Vieira
SECRETÁRIO-GERAL DA MESA

CICATRIZES

A produção da obra *8 de Janeiro de 2023*, de Vik Muniz

Secretaria de Comunicação Social

Brasília-DF
2024



SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Diretora: Érica Ceolin

Coordenadora-geral: Luciana Rodrigues

Diretor de Jornalismo: Mikhail Lopes

SECRETARIA AGÊNCIA E JORNAL DO SENADO

Diretora: Paola Lima

Coordenador-geral: Silvio Burle

CICATRIZES: A PRODUÇÃO DA OBRA 8 DE JANEIRO DE 2023, DE VIK MUNIZ

Texto: Rodrigo Baptista

Revisão de texto: Emilly Monteiro

Edição: Silvio Burle e Rodrigo Baptista

Fotos: Edilson Rodrigues, Geraldo Magela

Jefferson Rudy, Leonardo Sá, Marcos Oliveira,

Pedro França, Roque de Sá, Waldemir Barreto

Edição de fotos: Leonardo Sá

Tratamento de imagens: Marcos Oliveira

e Lindomar da Cruz

Projeto gráfico e capa: Diego Jimenez

Diagramação: Ronaldo Alves

Impressão:

SECRETARIA DE EDITORAÇÃO E PUBLICAÇÕES

Diretor: Rafael André Chervenski da Silva

Cicatrices : a produção da obra 8 de janeiro de 2023, de Vik Muniz. -- Brasília-DF : Senado Federal, Secretaria de Comunicação Social, 2024.

80 p. : il., fots.

ISBN: 978-65-5676-454-2

1. Obra de arte, criação, Brasil. 2. Crime contra o patrimônio, Brasília (DF). 3. Muniz, Vik, 1961- 8 de Janeiro de 2023.

CDD 709.81

SUMÁRIO

09 **O CONTEXTO**

27 **O ARTISTA**

37 **O PROCESSO**

55 **A OBRA**

69 **A MARCA**

APRESENTAÇÃO

A doação da obra 8 de janeiro de 2023 pelo renomado artista Vik Muniz demonstra um enorme gesto de generosidade e de apreço à democracia e às instituições. A belíssima obra terá lugar permanente no Senado Federal para marcar uma data que deve ser superada, mas que jamais pode ser esquecida.

Naquele dia, nos deparamos com o ápice daquilo que se vinha construindo no Brasil em termos de intolerância, de insatisfação, de inconformismo e de antidemocracia. Quando aconteceu o 8 de janeiro, ficamos todos perplexos e muito impactados com o cenário de destruição nos prédios do Supremo Tribunal Federal, do Palácio do Planalto e, sobretudo, na nossa casa, o Congresso Nacional.

Ao mesmo tempo, houve uma enorme e importante reação. Tivemos uma demonstração fundamental de unidade nacional, de força institucional dos Poderes Executivo, Judiciário e Legislativo a fim de mostrar para toda sociedade brasileira que as instituições estavam de pé e que a democracia restaria inabalada. Também buscamos meios de responsabilizar aqueles que praticaram os crimes de invasão e vandalismo contra as instituições brasileiras.

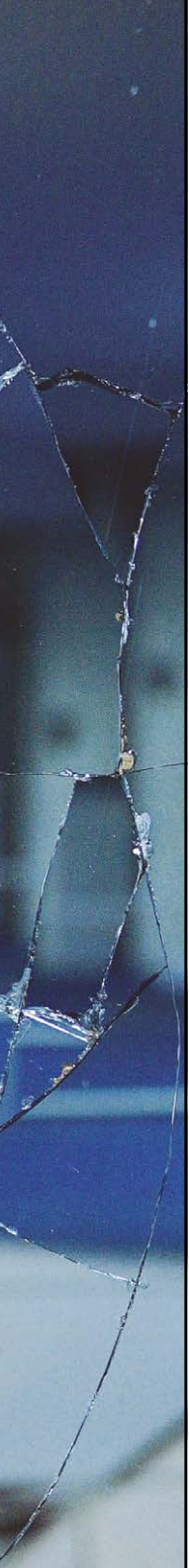
Com celeridade, reconstruímos nosso prédio e recuperamos obras de arte no intuito de manter viva e recuperada a memória do Congresso Nacional. Já no início de 2023, inauguramos a Sessão Legislativa com o Parlamento restabelecido. Tudo dentro de uma normalidade que foi importante para que gerássemos um sentimento de pertencimento e otimismo para o enfrentamento que se impunha contra atos antidemocráticos.

Inaugurar essa obra no mesmo ano em que o Senado completa 200 anos de existência reveste de ainda mais sentido esta instituição como uma das mais importantes para o Brasil, tanto no período do Império quanto durante a República. Que as pessoas que por aqui passarem sejam bem-vindas e pisem em nosso tapete para exercer a democracia.

De fato, um dos atos que coroa os 200 anos do Senado é a reafirmação da democracia eternizada nesta obra que transforma cacos e resíduos de atos violentos em um símbolo de resistência democrática. Ao artista Vik Muniz e à sua equipe, muito obrigado. Nós não nos esqueceremos desse grande brasileiro que soube valorizar o Senado Federal quando ele foi ultrajado, que soube valorizar a democracia quando ela foi perseguida.

Rodrigo Pacheco, presidente do Senado Federal e do Congresso Nacional

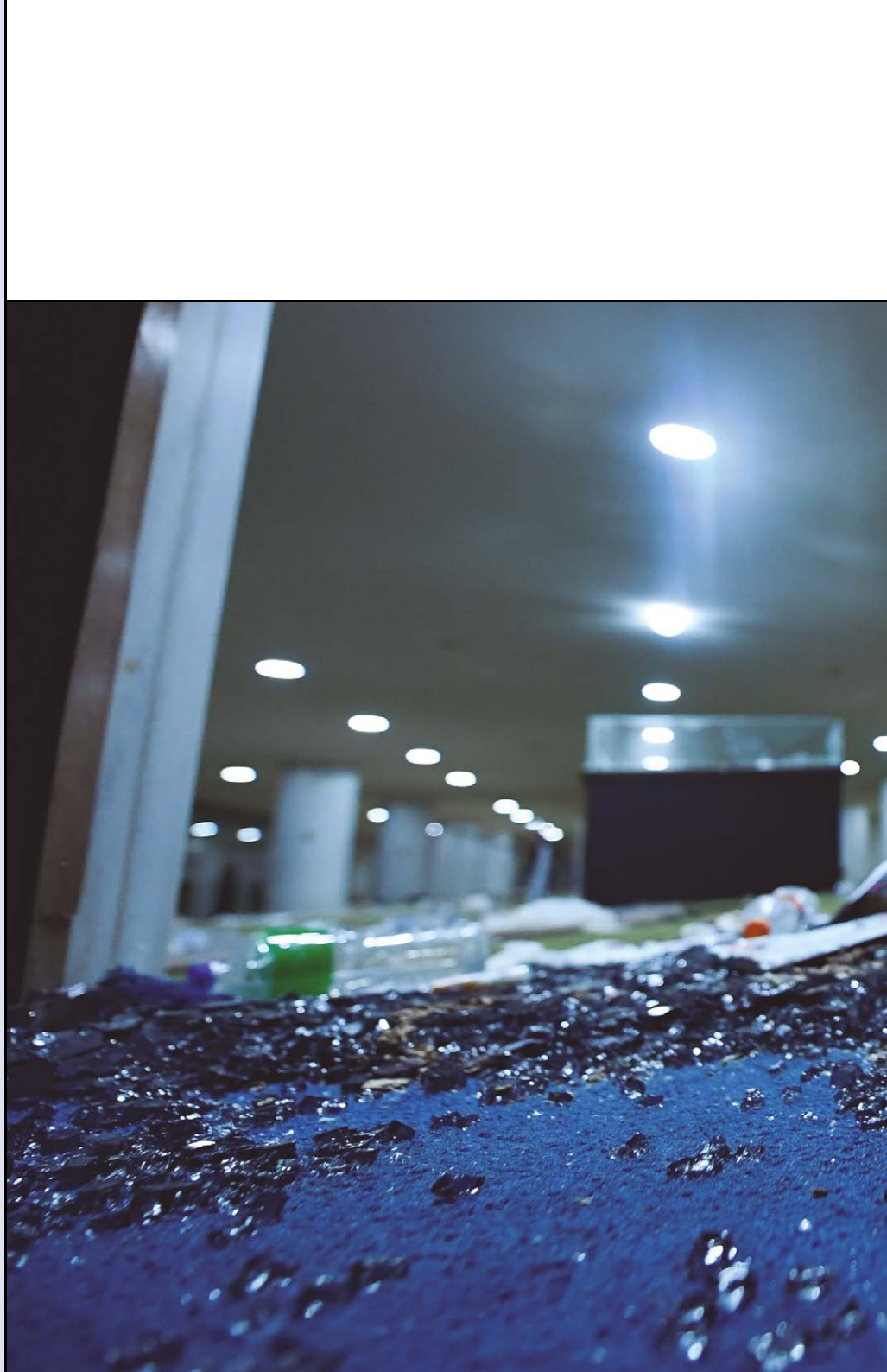


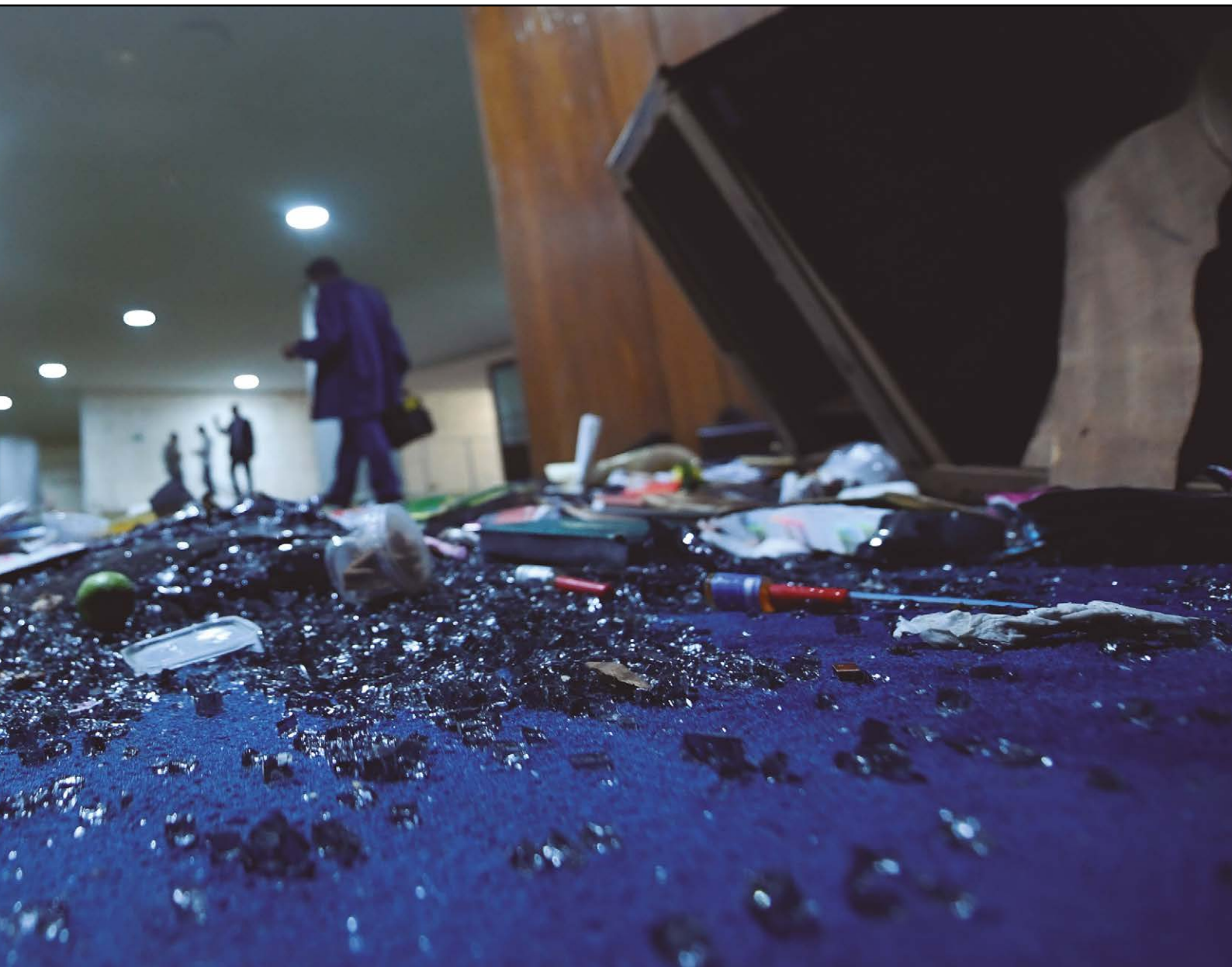


O CONTEXTO

Em janeiro de 2023, o Brasil e o mundo acompanharam o rastro de destruição deixado pelos ataques às sedes dos três Poderes, em Brasília. Foi uma ação sem precedentes na história do país.

Por volta das 15h do dia 8 daquele mês, os agressores, que participavam de um ato antidemocrático contra o resultado das eleições presidenciais do ano anterior e em favor da intervenção militar, romperam a barreira da polícia e entraram no Palácio do Congresso Nacional. Em seguida, invadiram o Palácio do Planalto e depois o Supremo Tribunal Federal.





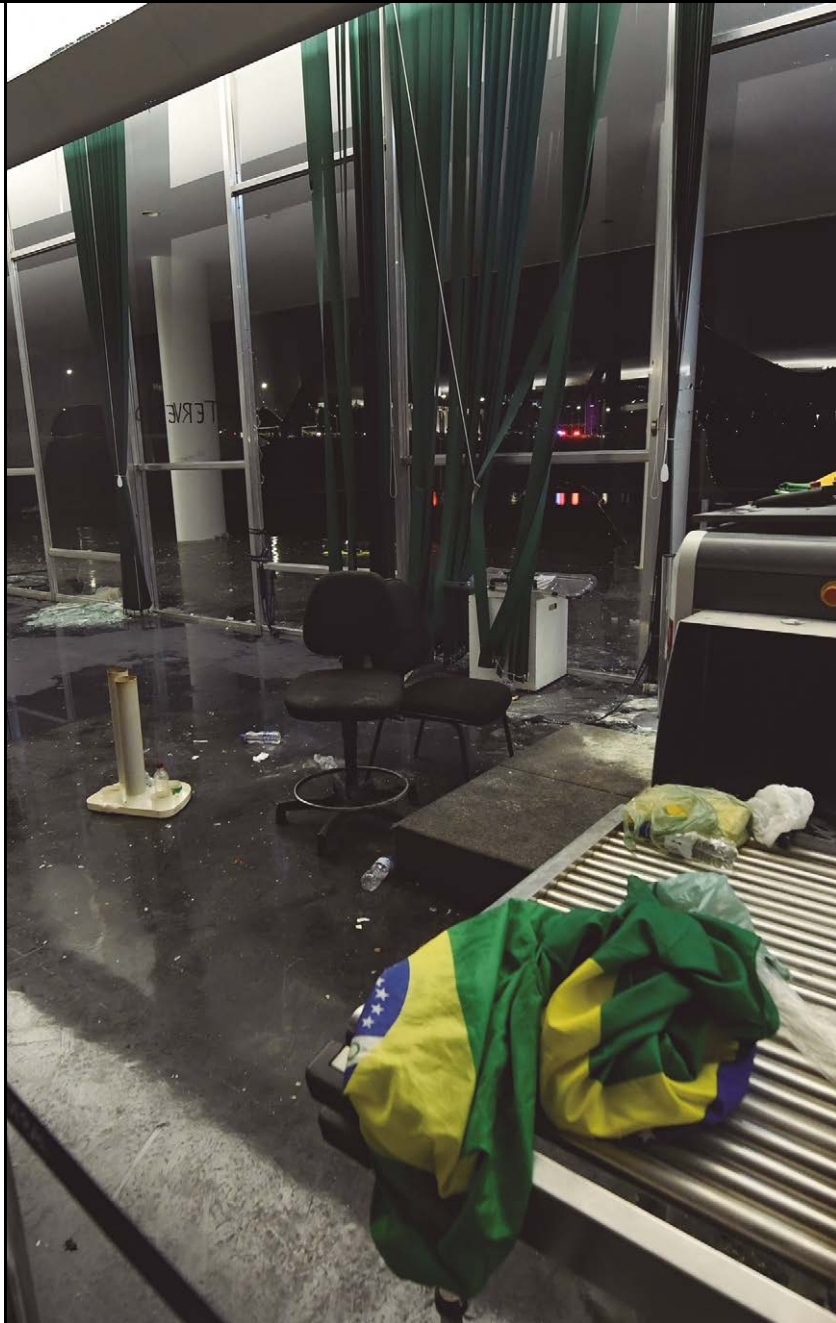


Uma semana antes, o mesmo cenário havia recebido a posse do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva, que vencera Jair Bolsonaro nas urnas. Mas, na tarde daquele dia 8, a democracia brasileira começava a passar por um teste de fogo.

Em quase cinco horas, os invasores depredaram o que encontraram pela frente. No Congresso Nacional, vidraças externas e

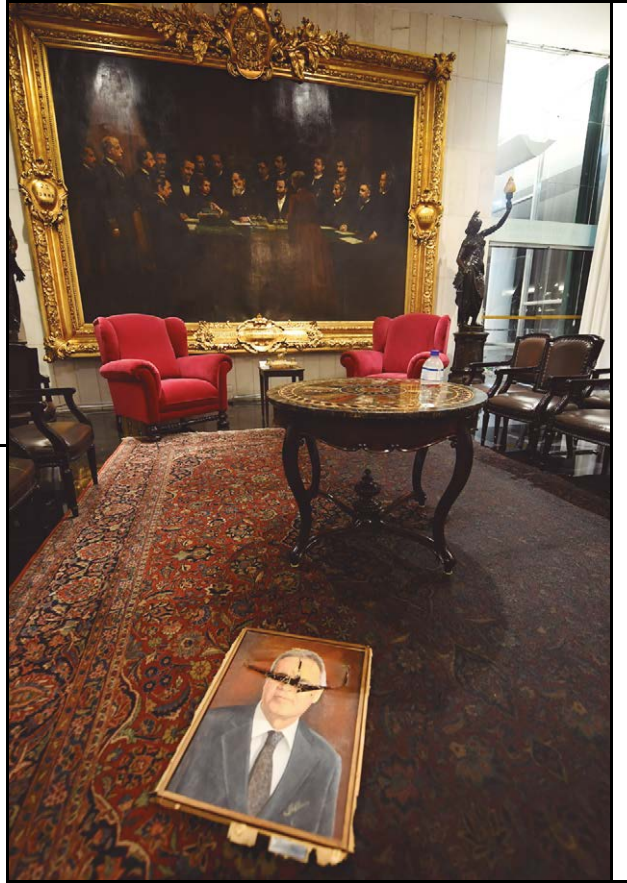
internas foram quebradas, móveis do século 19 foram depredados, carpetes ficaram molhados e danificados.

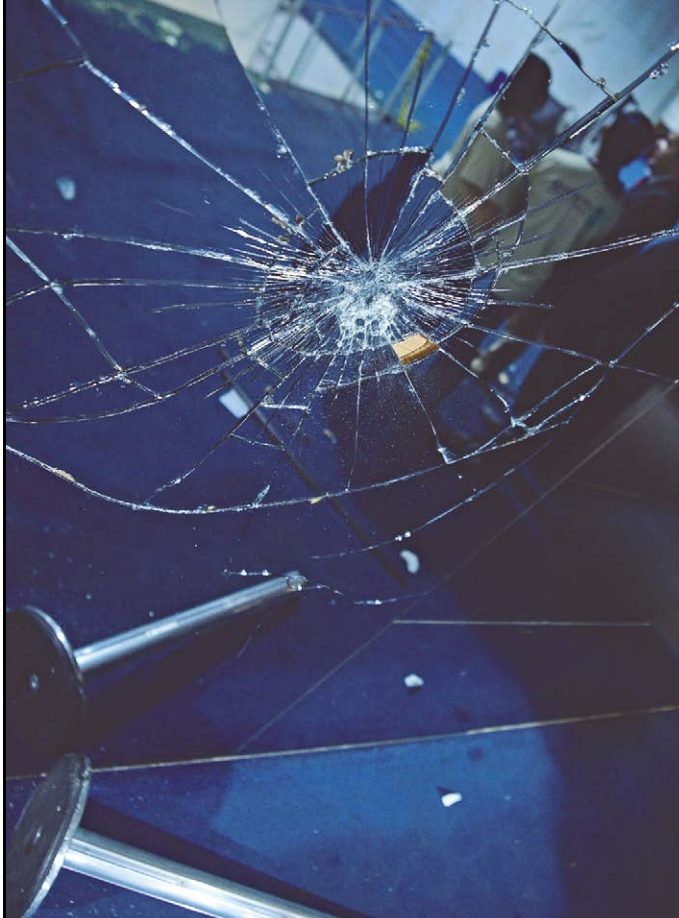
Obras de arte que fazem parte do patrimônio público tampouco escaparam da ação dos vândalos. Uma tapeçaria de Burle Marx foi rasgada e molhada com urina. Um painel vermelho em madeira com figuras geométricas do artista Athos Bulcão sofreu danos em razão de estilhaços.





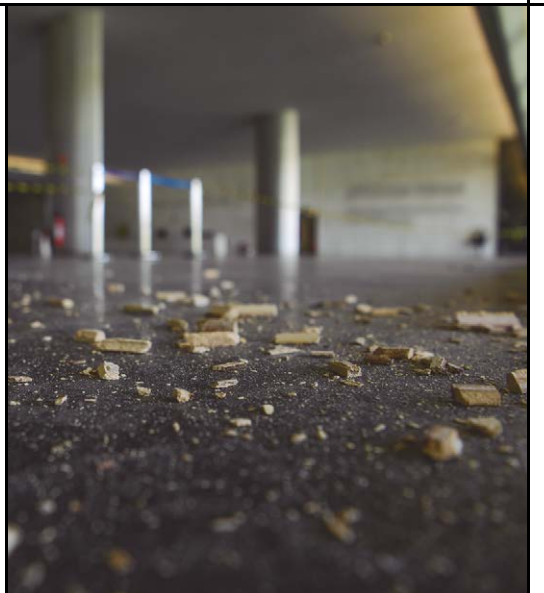
O quadro *Trigal na Serra* (1967), de Guido Mondin, peça em acrílico sobre eucatex que mede 92 por 112 centímetros, foi encontrado no chão, separado da moldura. Fragmentos de vidros quebrados durante a invasão e outros estilhaços provocaram arranhões. A obra foi encontrada encharcada e empenada pela umidade, depois que os vândalos acionaram mangueiras e hidrantes de combate a incêndio. Cinco quadros pintados em tinta óleo que enfileiravam a exposição de ex-presidentes da Casa, no Museu do Senado, também foram danificados pelos invasores. Um vaso de porcelana chinesa foi quebrado. Mesmo destino tiveram outras peças representativas da diversidade artística, cultural e histórica de várias partes do mundo oferecidas por chefes de Estado e representações diplomáticas. Algumas desapareceram.





A estrutura interna do Senado e da Câmara também foi afetada. A porta de vidro da entrada principal do Plenário do Senado, por exemplo, foi forçada a ponto de ruir. Vidros das janelas de gabinetes de senadores foram estilhaçados. As portas de entrada da sala da Presidência do Senado e o mobiliário da antessala foram destruídos. Documentos foram rasgados e câmeras de segurança, quebradas.





Mas a ação não foi apenas um ataque aos prédios e ao patrimônio público. Foi um ataque às instituições do país, ao Estado democrático de direito. Por isso, a reação à barbárie precisava ser imediata. No mesmo dia, senadores, que estavam em recesso parlamentar, manifestaram-se para repudiar os atos de violência e de vandalismo. Nos dias seguintes, servidores do Senado começaram a levantar

os danos e recuperar o que foi avariado. Além de demonstrar que as instituições permaneciam funcionando e que os três Poderes estavam unidos para defender o regime democrático, a corrida contra o tempo para recuperar a infraestrutura tinha uma razão concreta: a posse dos novos senadores, em 1º de fevereiro, e a abertura do Ano Legislativo, no dia 2.







O trabalho de recuperação do Senado avançou em ritmo acelerado. Vidros foram trocados, carpetes substituídos, móveis repostos. Parte das obras de arte também já estava restaurada no início de fevereiro.





Na cerimônia que marcou a abertura dos trabalhos do Congresso em 2023, o tom foi de defesa do Estado democrático de direito e de união entre os Poderes.

Ainda sob o impacto da invasão, começou a ser gestada no Senado a ideia de um marco que servisse como símbolo de resistência diante da tentativa de golpe contra a democracia. Um produto da memória contra o esquecimento. Da civilização contra a estupidez. Da criatividade contra a destruição.

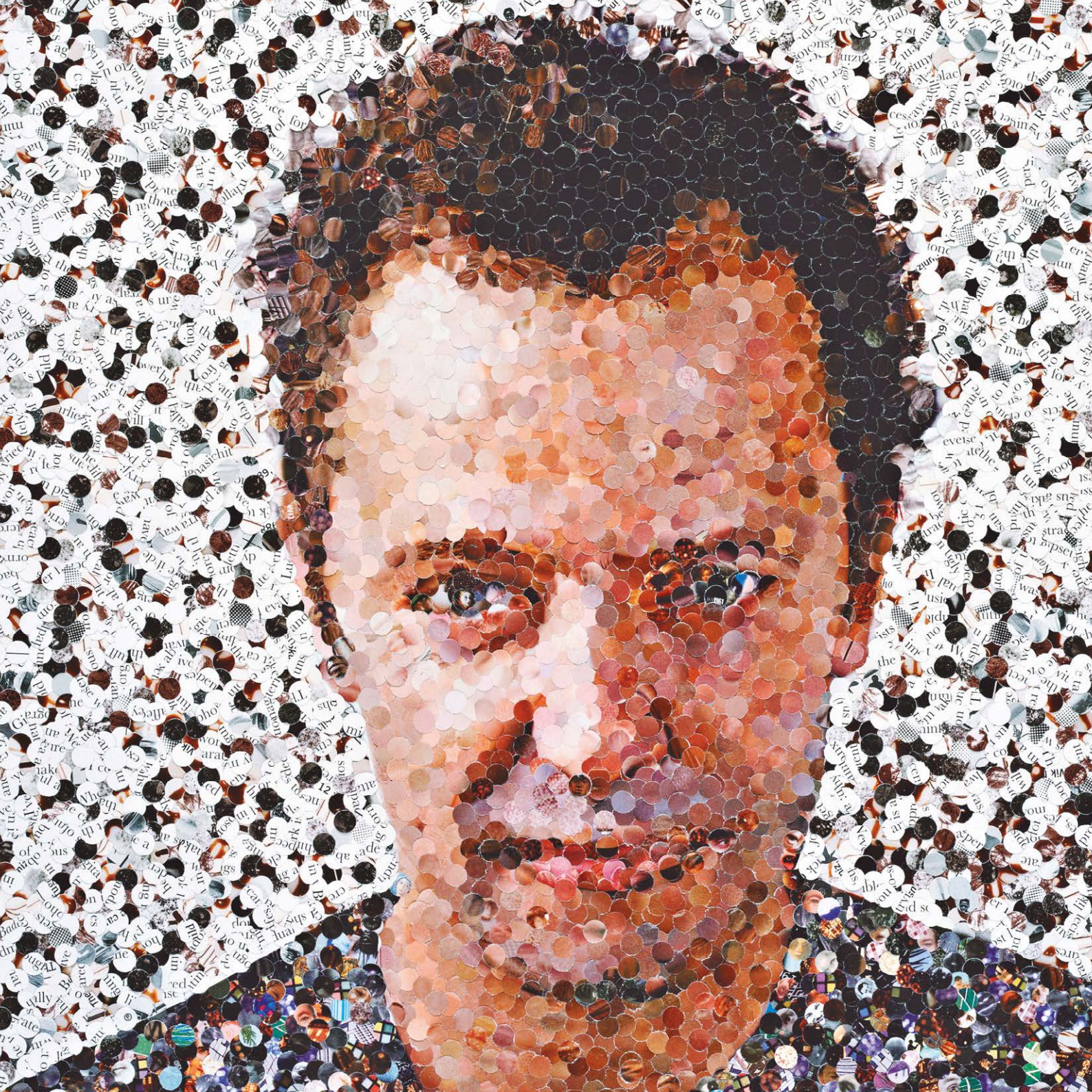








Esta publicação narra
o processo de criação
desse marco, a obra
8 de Janeiro de 2023,
do artista Vik Muniz.



Nascido em São Paulo (SP), no dia 20 de dezembro de 1961, Vik Muniz, nome artístico de Vicente José de Oliveira Muniz, é um dos artistas plásticos brasileiros mais renomados da atualidade. Fotógrafo, desenhista, pintor e gravador, Vik é reconhecido mundialmente por utilizar materiais pouco convencionais como açúcar, geleia, lixo e chocolate para

criar e recriar imagens icônicas. Filho de um garçom e de uma telefonista, Vik Muniz estudou desenho e cursou publicidade durante um tempo até que decidiu se mudar para os Estados Unidos em 1982. O dinheiro que financiou a sua saída do Brasil veio de uma indenização que recebeu após levar um tiro na perna ao tentar apartar uma briga na rua.

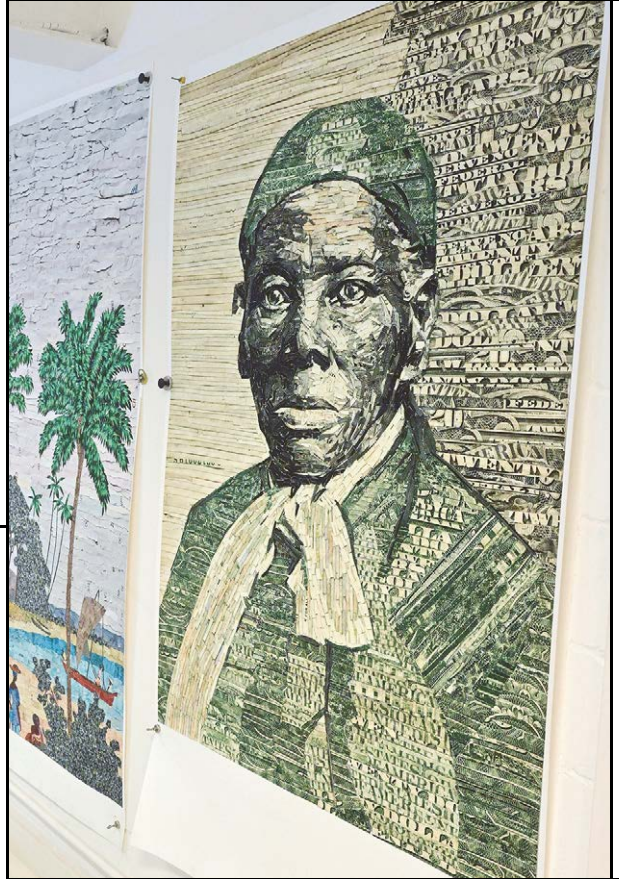






Iniciou sua carreira artística nos anos 1980, mas foi na década seguinte que ele começou a ganhar destaque com suas obras que exploravam fotografias, mosaicos e colagens. O artista passou a utilizar materiais do cotidiano, como alimentos, lixo e brinquedos, para criar imagens que eram posteriormente fotografadas. A consagração veio com a série *Sugar Children* (Crianças de Açúcar), de 1996. Os retratos de crianças caribenhas, recriados com açúcar, fazem o contraste entre a doçura pueril dos jovens e o amargor da vida de seus pais, trabalhadores de plantações de cana de açúcar.

Além da atividade artística, Vik está envolvido em projetos sociais e educacionais no Brasil e nos Estados Unidos. Seu trabalho junto aos catadores de material reciclável em Jardim Gramacho (RJ), um dos maiores aterros do mundo, foi retratado no documentário *Lixo Extraordinário*, indicado ao Oscar em 2011. O filme da cineasta Lucy Walker mostra a produção de obras de arte com material coletado no lixão, desativado em 2012.





Vik, que hoje se divide entre Rio de Janeiro e Nova York, onde mantém seus ateliês, ainda tem trabalhos como as réplicas da Mona Lisa confeccionadas com geleia de morango e pasta de amendoim, o Che Guevara desenhado com feijão e os retratos de divas do cinema, como o de Elizabeth Taylor, montados a partir de diamantes.





Hoje suas obras estão em acervos particulares, galerias de diversos continentes e museus como o Tate Modern e o Victoria & Albert Museum, em Londres; o Getty Institute, em Los Angeles; o MAM de São Paulo.

E desde 7 de fevereiro de 2024, o Senado conta em seu patrimônio artístico com o painel *8 de Janeiro de 2023*, em exposição permanente no Palácio do Congresso Nacional, em Brasília.



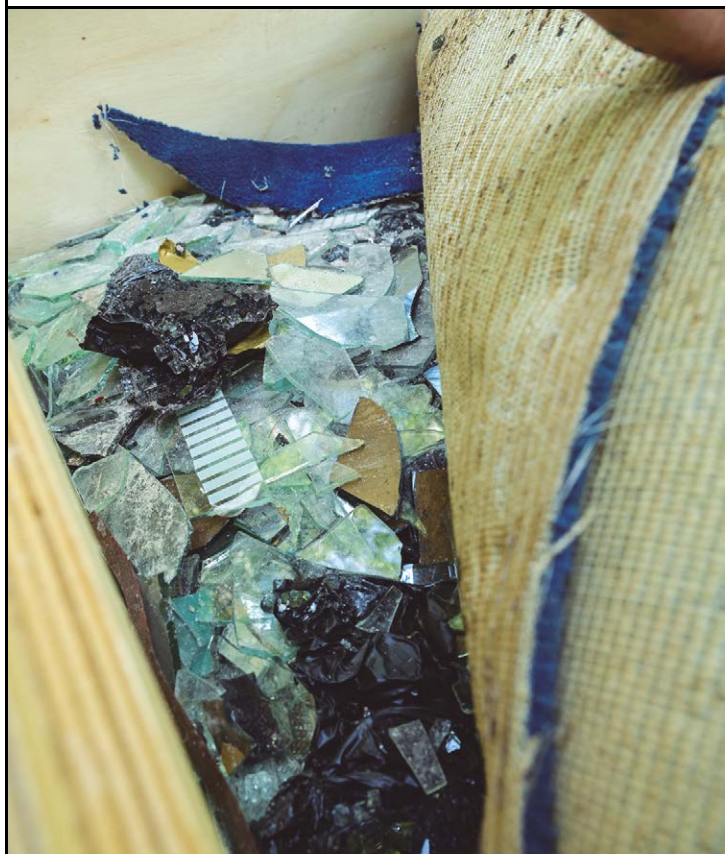




O PROCESSO



Há séculos surgiu no Japão uma técnica para reparar com ouro peças de cerâmica quebradas. Batizada de *kintsugi*, que significa “emendar com ouro”, a arte japonesa utiliza laca ou cola misturadas com pó de ouro, prata ou platina e cria bonitas “cicatrices” nas peças. Assim, em vez de esconder as fissuras, as peças realçam as feridas do passado e contam um pouco da história e da ação do tempo. Foi com essa ideia em mente que Vik Muniz recebeu as quase quatro toneladas de cacos de vidro, quadros rasgados, carpetes e móveis danificados em seu ateliê no bairro da Gávea, Rio de Janeiro, no dia 4 de maio de 2023. O material era uma parte dos destroços deixados por vândalos que invadiram e depredaram o Palácio do Congresso Nacional, sede do Senado Federal e da Câmara dos Deputados, cerca de quatro meses antes. Acomodados em caixas de madeira, os destroços foram transportados pelos cerca de 1.200 Km que separam Brasília da antiga capital federal. Os fragmentos do Congresso foram recolhidos pela equipe de limpeza e organizados pelo setor de patrimônio do Senado.



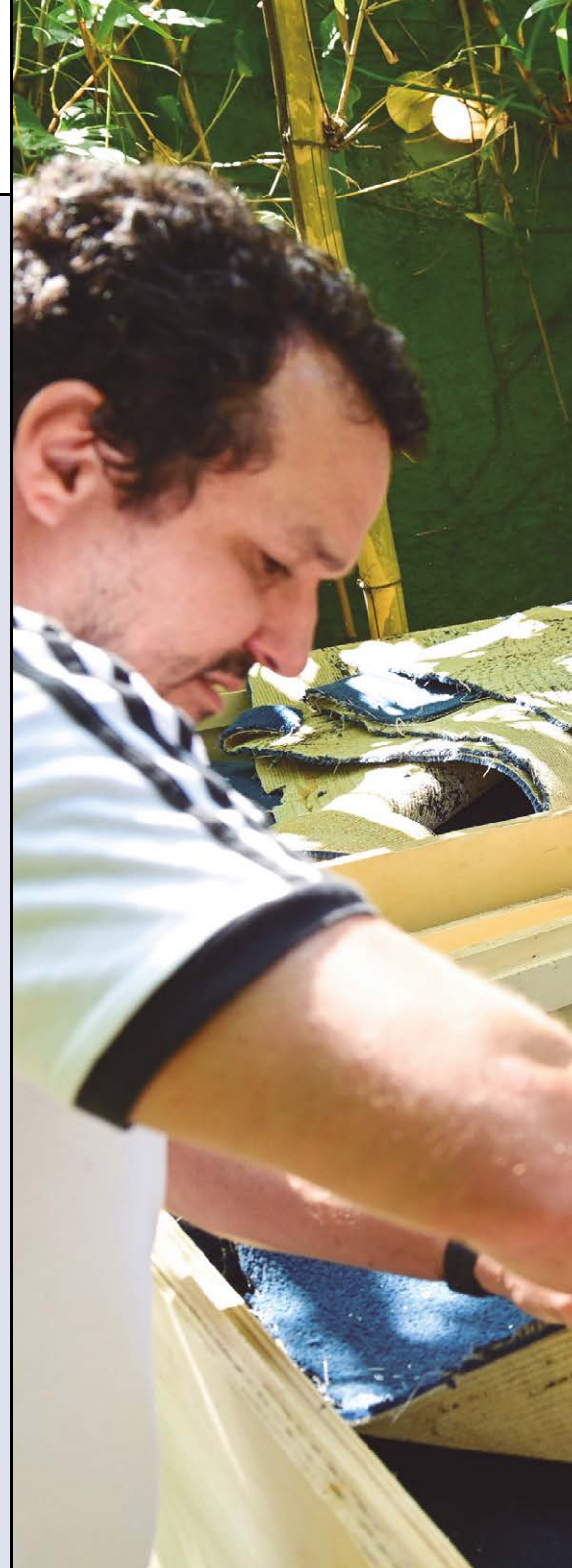


Quando o vidro, o carpete e os demais materiais chegaram às mãos de Vik Muniz, grande parte da quebradeira já havia sido reparada em Brasília. Essa é uma das peculiaridades da arquitetura modernista de Oscar Niemeyer, autor do projeto do Palácio do Congresso e dos outros prédios públicos também depredados na capital: os materiais são simples e de fácil substituição.

Mas era preciso criar uma marca indelével, uma cicatriz que evidenciasse os terríveis ataques do início do ano. A imagem de uma porcelana quebrada e reparada com ouro veio logo à mente do artista: *“É o trabalho de deixar uma*

marca, criar algum tipo de emenda. Os japoneses têm isso. Quando alguma coisa quebra, eles fazem o remendo em ouro. A ideia é criar uma cicatriz, que tenha um valor histórico”.

Além da técnica japonesa, Vik pensou no Partenon, um dos mais conhecidos edifícios remanescentes da Grécia Antiga. O local, hoje em ruínas, foi um templo dedicado a Atena, deusa grega da sabedoria e da guerra. A ação do tempo e do homem deixou marcas profundas na construção grega, que hoje é um local de visita turística e fica na Acrópole de Atenas, um Patrimônio da Humanidade.





A mais de 9.500 km do Partenon, em 8 de janeiro de 2023, um domingo, não eram turistas aqueles que se dirigiram ao Palácio do Congresso Nacional, na região central de Brasília, cidade que é outra riqueza cultural e histórica da humanidade.

O grupo vestido majoritariamente de verde e amarelo invadiu a sede do Poder Legislativo e as sedes dos Poderes Executivo e Judiciário e deixou um rastro de destruição. Ao revirar o material nas caixas que foram enviadas pelo Senado, Vik Muniz externou a ideia de *“remontar o que foi destruído”*.

Para ele, os cacos da destruição dizem muito sobre o evento:

“Vai ser interessante refazer esse material impregnado de ódio e catarse coletiva”, apontou o artista ao contemplar parte dos destroços do

fatídico dia.

A iniciativa de criar essa marca partiu da Diretoria-Geral do Senado após diálogos com a Presidência da Casa. Em setembro de 2023, já com a produção da obra em andamento, a diretora-geral, Ilana Trombka, visitou Vik Muniz e lembrou o cenário de horror encontrado após a quebra-deira.

Apesar da destruição e do abalo, era preciso agir rapidamente para que a Casa continuasse funcionando e demonstrar a força do Estado democrático de direito e das instituições.

“A gente tinha uma urgência para colocar aquilo em condições, em segurança. Era simbólico mostrar: vocês tentaram, mas a democracia continua e daqui vão ser tomadas as decisões. A gente correu muito para colocar tudo no lugar”, explicou Ilana.





A diretora também recordou que a preocupação do presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, era que o ataque de 8 de janeiro não fosse esquecido:

“O primeiro passo para acontecer de novo é esquecer o que aconteceu, é não aprender com a experiência. E a gente corre o risco, porque aquelas marcas [da destruição] já não estão aparentes. A gente vive em um mundo de muita velocidade. As coisas são esquecidas rapidamente. Era preciso deixar essa marca. Por isso que a transformação desses resquícios para a gente é tão simbólica”.

A ponte entre o Senado e Vik Muniz foi feita por George Legmann. Ele foi um dos sete bebês judeus nascidos em um campo de concentração nazista que sobreviveram à Segunda Guerra Mundial. Legmann veio ao mundo em dezembro de 1944, em Dachau, no sul da Alemanha. Naturalizado brasileiro, ele tem atuação na área de marketing cultural.

Ao atender a ligação de Leg-



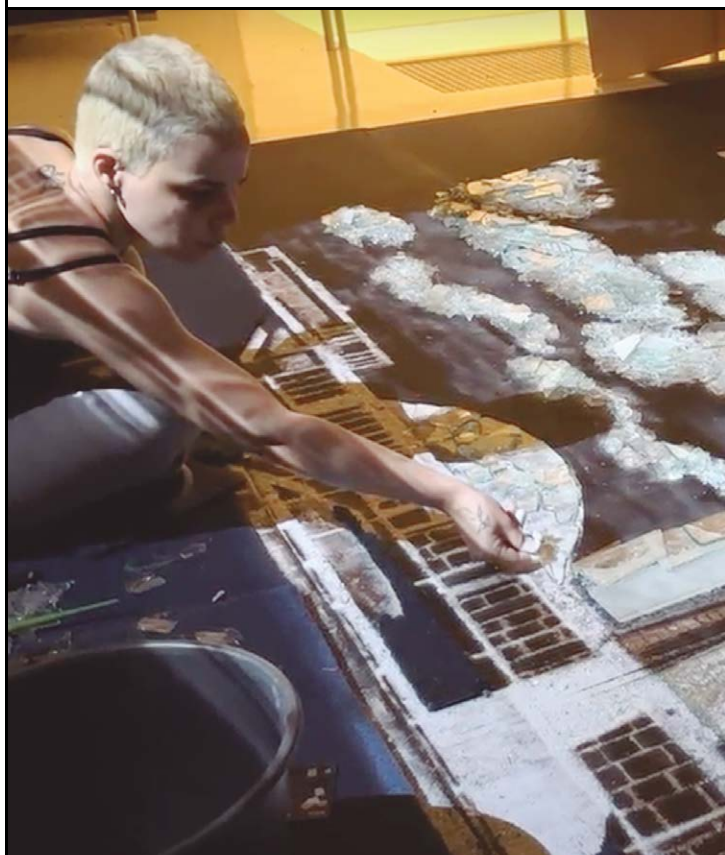
mann, Vik Muniz rapidamente foi convencido a criar algo para que a memória do dia 8 não se perdesse.

“Eu conversei brevemente com ele, que falou sobre a questão da preservação da memória, da importância de lembrar do que ocorreu. Logo em seguida, eu conversei com a Ilana. Ela disse que tinha guardado todos os detritos, tudo o que tinha sobrado da destruição que havia acontecido naquele dia. O que mais me pegou foi isso. Quando ela me convidou para fazer a obra, ela disse que tudo havia sido reconstruído. Esse vazio histórico é algo que me apavora. Precisamos deixar rastros”.

DAS DIVAS DE DIAMANTE À PAISAGEM DE VIDRO

O vidro é duro, mas suscetível a trincar. Quando quebrado, gera superfícies lisas, brilhantes e afiadas. E é essa combinação de pontas e arestas finas e retas com dureza que faz com que os cacos sejam tão perigosos. De todos os materiais enviados pelo Senado ao estúdio de Vik Muniz, o que se apresentava em maior quantidade e destaque era sem dúvida o vidro. Foram os cacos da destruição que serviram de principal ingrediente na elaboração da obra *8 de Janeiro de 2023*.

O desafio de utilizar o material foi alvo de especulação de Vik e sua equipe desde o primeiro dia. Fotógrafo e coordenador do estúdio do artista no Rio de Janeiro há cerca de 20 anos, Fabio Ghivelder se considera um “fabricante das ideias do Vik Muniz”. Diante das caixas recheadas de vidro, ele lembrou da experiência de trabalhar com diamantes, que poderia ajudar na hora de mexer com os pedaços irregulares brilhantes. Vik Muniz tem em seu currículo uma série com imagens de divas de Hollywood com pedras preciosas.





“O vidro quebrado é cheio de significado. Além da fragilidade, aquilo ali está representando uma democracia que se partiu naquele momento. Para mexer com vidro, eu tenho que aprender milhões de coisas. Com vidro, eu nunca trabalhei, mas trabalhei com diamantes. Cada projeto gera um processo. E esse processo é muito empírico, porque a gente não sabe como vai ser. Cada material traz o seu desafio”, apontou Fábio.



Outro ponto de preocupação era conseguir equalizar o tamanho da imagem elaborada no estúdio com a fotografia.

“Talvez uma das coisas mais difíceis é determinar a escala do material e a imagem. Se você faz ela muito grande, você consegue muito detalhe, mas você tem que fotografar de muito longe e isso vai fazer perder as partes. Mas se for muito pequeno para deixar as partes bem marcadas, você não consegue fazer as curvas, você não consegue fazer os detalhes. É só fazendo que se acerta”.

Fabio e Vik mantêm diálogo permanente durante a elaboração das obras e avançam e recuam na construção da peça até chegar ao ponto que consideram ideal. Vik também recordou a experiência com diamantes empregada na série *Divas e Monstros*.

“Diamantes têm 53 facetas e são extremamente teimosos. Você coloca no lugar e ele pula. Parece que tem vida própria. Vidro é mais simples. Você consegue criar linhas por sobreposição.”

Sobre a criação da obra, Vik apontou que a parte mais desafiadora seria criar o processo. Isso porque

ele está acostumado a trabalhar com séries e não com apenas uma obra, como a entregue ao Senado:

“O desafio não é tanto a criação de uma imagem. O desafio é criar um processo, uma maneira de fazer imagens. Isso é fundamental na nossa concepção de trabalho no estúdio. Geralmente eu venho com algumas ideias, mas o trabalho é muito compartilhado. Todos têm liberdade para trazer ideias e soluções.”

Durante o processo de elaboração da peça, Vik contou com o apoio de sua equipe de estúdio, que inclui Daisy Santos Soares e Ana Brava. E não foi tão simples trabalhar com o vidro quebrado do Senado, constatou o artista após concluir o painel.

“Esse vidro temperado corta muito. A gente aprendeu uma maneira de manusear. Houve muitos cortes, muitos acidentes. A gente teve que moer um pouco o vidro também para conseguir alguns detalhes. O carpete também não foi fácil, até descobrirmos como colocar as coisas”.







DO CHÃO DO ESTÚDIO À PAREDE DO SALÃO AZUL

Ao longo dos meses, Vik Muniz também recebeu visitas de trabalhadores do Senado que relataram suas experiências e vivências diante do ataque, o que, segundo ele, o ajudou a captar um pouco do que era estar no Palácio do Congresso naquele dia.

A servidora da Polícia do Senado, Isabela do Rosário Lisboa Martins, foi uma das convidadas a conhecer a obra no Rio de Janeiro e apontou sua sensação ao ver o painel quase pronto. Ela estava na linha de frente da ação de defesa do Congresso no dia 8 de janeiro.

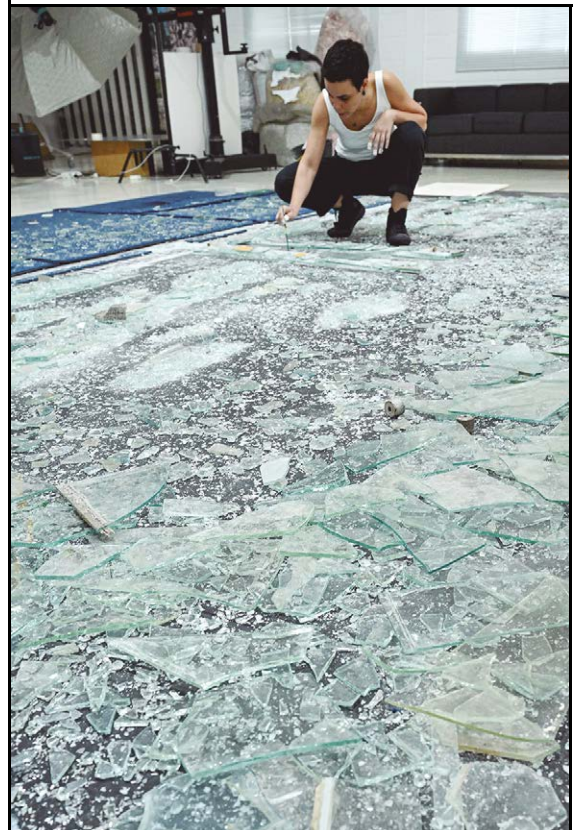
“A leitura que faço é de uma imagem catártica. Estou vendo fragmentos do nosso trabalho. Vendo e lembrando do dia”, disse Isabela diante da peça.

Conforme avançavam na confecção do painel, Vik dava detalhes do processo. A montagem da peça foi feita sobre o chão do estúdio e ocupou grande parte do espaço dedicado a fabricar as obras do artista.

“Não há um desenho que antecede. A gente coloca um projetor com uma imagem e vai utilizando a sombra como um guia. Ele é feito diretamente”, contou.

O ato final é a foto da última versão da peça. Antes, porém, várias fotografias são tiradas de uma câmera instalada na parte superior do estúdio até se chegar ao ponto ideal.

“O prédio tem essa geometria, mas ele está em anamórfico, diagonal. Não está reto. A imagem precisa ser feita de uma forma distorcida para que se apresente retangular. Entre a foto e o desenho existe uma distância grande. A gente tem que continuar fazendo testes para saber se o material está aparecendo”, detalhou.



Depois de fotografado, o mosaico de destroços foi desmontado. No fim, o trabalho de Vik e sua equipe guarda algumas semelhanças com as mandalas de areia feitas por monges tibetanos. Os monges as fazem usando camadas de areia colorida. Quando terminam os desenhos redondos e multicoloridos após dias de trabalho, eles os desmancham. É uma metáfora sobre a transitoriedade da vida material.

“A ideia deles é que fazer é mais importante do que o resultado”, conta Vik Muniz, ao recordar de uma vez em que presenciou uma cerimônia de destruição de mandala.

Diferentemente do que fazem os monges, contudo, o processo de Vik envolve não apenas criar belas imagens efêmeras, mas registrar o trabalho feito.

“A gente, no fim das contas, tira uma foto. Isso termina em uma grande fotografia. A presença do material vai se refazer um pouco na imagem. É uma imagem muito nítida”.

A marca, a cicatriz, a emenda de ouro ficou pronta e logo foi entregue ao Senado no ano de seu bicentenário para ocupar de forma permanente uma das paredes do Salão Azul.









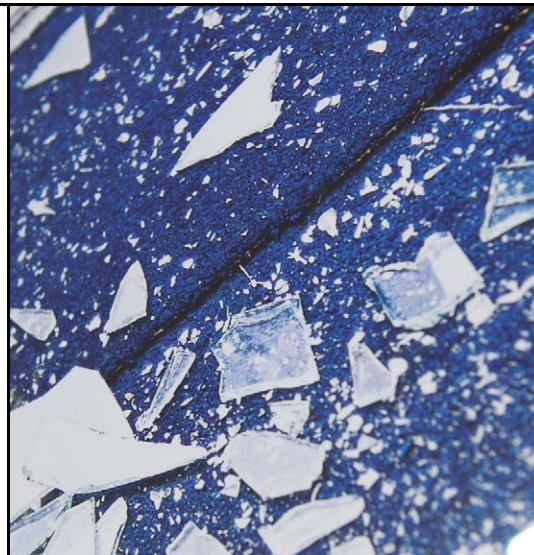
A O B R A





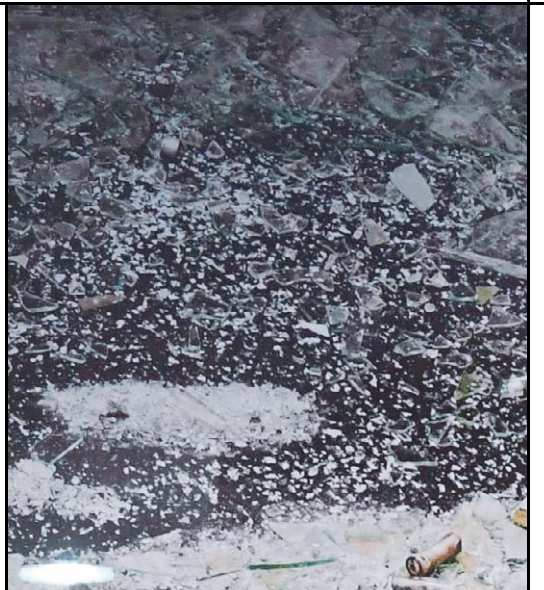
A imagem do Palácio do Congresso cercado por nuvens feitas de vidro quebrado, carpete azul sujo, cápsulas de munição não letal e outros materiais repousa desde o dia *7 de fevereiro* em uma parede no Salão Azul do Senado, próximo à entrada principal do Plenário, local que esteve lotado de invasores em janeiro de 2023. Por ali, circulam diariamente milhares de pessoas entre parlamentares, assessores, jornalistas e público em geral.

A obra foi incluída no roteiro de visita da Casa como forma de recordar os ataques e é a única de um artista vivo nessa visita. Intitulado *8 de Janeiro de 2023*, o painel, que tem 281 cm de largura por 183 cm de altura, feito em impressão museográfica em jato de tinta, foi doado por Vik Muniz. Passaram-se quase nove meses desde a entrega dos destroços no estúdio do artista, no Rio de Janeiro, até a afixação da obra no Senado, em Brasília.



Devido ao tamanho da peça, é possível ver as texturas dos materiais utilizados na obra criada para transformar os cacos de uma tragédia em arte. É a fotografia de um grande mosaico de cerca de 50 metros quadrados feito dos destroços do ataque ao Senado, às instituições e à democracia. O objetivo, segundo o artista, era passar a ideia de reconstrução da Casa e apresentar uma nova versão desse cartão postal que marca a capital do país. Em diversos momentos entre a entrega do material no estúdio e a solenidade de inauguração da obra, Vik Muniz teceu considerações sobre a arte e sobre as ideias que o moveram na elaboração do painel. As falas são resultado de entrevistas a jornalistas da Agência Senado e da TV Senado e de diálogos com outros personagens, como a diretora-geral do Senado, Ilana Trombka, e trabalhadores da Casa. A seguir, um pequeno mosaico do pensamento do artista.

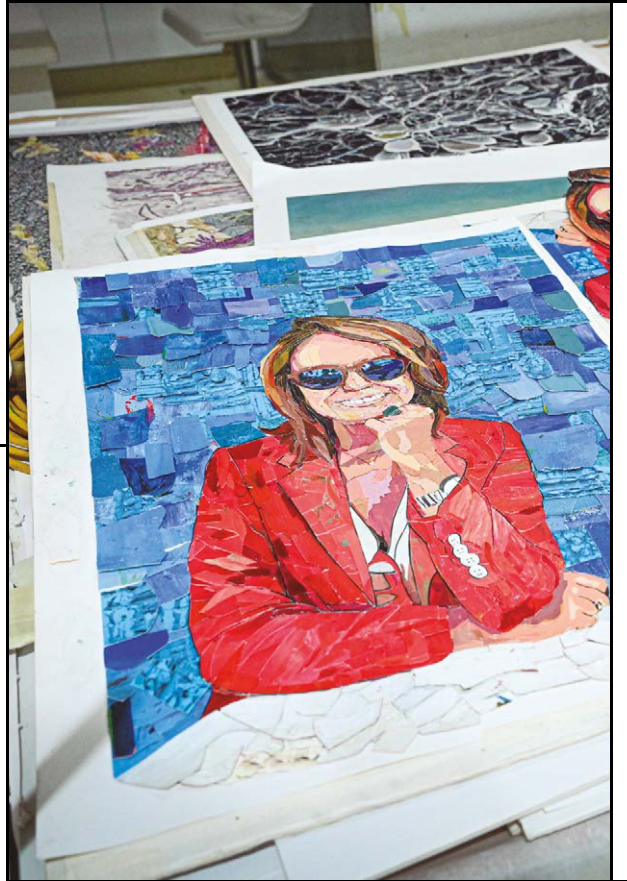






FOTOGRAFIA

“É irônico o que eu faço. Eu trabalho com fotografia. Eu trabalho de uma forma ‘quase ao contrário’. Eu faço uma fotografia que tem que ser vista presencialmente, tem um aspecto tátil. Tem uma questão tridimensional. Estou mais interessado no processo do que no objeto. Então, é interessante criar imagens que façam com que o espectador pense na maneira como elas foram feitas: Como que isso foi feito? De qual tamanho era? Quanto tempo levou para fazer?”





RELAÇÃO MATERIAL E OBRA

“A obra tem uma relação específica entre o que é feito e o que representa, uma experiência material de estar lidando com coisas que tenham um significado prévio, que é sensorial e tátil, como o vidro quebrado”.

“Se você usa o material para representar alguma coisa que cria uma variedade de tensões entre o material e o significado, a imagem se transforma, se potencializa. Começa a se pensar em um monte de coisas: a questão do vidro que corta, do perigo. Nós vivemos em um mundo perigoso. Pensamos na questão do material relacionado a algo que pode te machucar”.

“Eu optei por fazer a obra com materiais que têm uma identidade associada à agressão, ao desconforto e à vulnerabilidade, mas optei por uma imagem que fosse uma coisa pacífica, familiar, conciliatória, que as pessoas pudessem ver aquele cartão postal”.







MOSAICO

“Eu sou praticamente um artista de mosaico. Você cria a dicotomia entre a ideia e o material baseado no fato de que a imagem é feita de coisas, coisas táteis da realidade. Então, o tamanho das partes em relação ao todo tem que ter uma espécie de medida. Na medida em que você cria uma situação em que você vê as partes, elas começam a interagir, a atrapalhar um pouco a leitura do todo, mas em compensação você cria uma dinâmica, uma instabilidade, uma ambiguidade que te convida a pensar na imagem. É um convite ao discernimento que toda a imagem requer e que muitas vezes a gente ignora”.



SÍMBOLO

“Quando uma coisa se quebra, ela é o registro do momento de ruptura. Isso aqui é um processo de reconstrução e então pensamos: vamos assumir e refazer o prédio como ele tem que ser, com elementos fragmentados que significam diretamente o que aconteceu aqui. O Congresso carrega um aspecto simbólico da construção de uma democracia, de uma nação. O símbolo da coisa toda é este lugar. Este lugar é um espaço dialético, um espaço de discussão”





POLÍTICA

“Cresci durante a ditadura e logo me mudei para os Estados Unidos. Voltei anos depois. Eu sei que essas vitórias pequenas são duras. E são conquistas. Quando você começa a ver esse sistema sendo colocado em questão, não através da discussão, do diálogo, mas através do ódio, isso é frustrante. Lugares como este [o Congresso Nacional], em que inimigos conversam e chegam a acordos, esses espaços dialéticos têm que ser não só preservados, mas cultivados. A arte pode ser uma ferramenta poderosa para criar e continuar a discussão sobre a fragilidade que existe e ronda todas as democracias. A gente esquece disso”.





A MARCA



O dia 7 de fevereiro de 2024 começou quente e ensolarado na capital federal. No final da manhã, Vik Muniz e sua equipe chegaram ao Senado. Seria um longo dia antes do retorno ao Rio de Janeiro. Cerca de um ano e um mês depois do ataque ao Congresso Nacional, eles entregariam ao Senado a obra em que trabalharam nos meses anteriores.

Após passeio pelo Salão Verde da Câmara dos Deputados, onde viram uma exposição reunindo fotografias de obras de arte e de objetos históricos danificados durante a

invasão dos vândalos no dia 8 de janeiro de 2023, eles subiram a rampa do Congresso e observaram de perto as cúpulas, uma virada para baixo, onde fica o Plenário do Senado, e uma virada para cima, que abriga o Plenário da Câmara. Também puderam avistar as duas torres de 28 andares, onde ficam gabinetes de parlamentares. A imagem do Palácio do Congresso esteve na rotina do grupo desde que os destroços da invasão chegaram ao estúdio de Vik, na Gávea, bairro da Zona Sul da capital fluminense.

- PRESIDENTES DO SENADO NO IMP



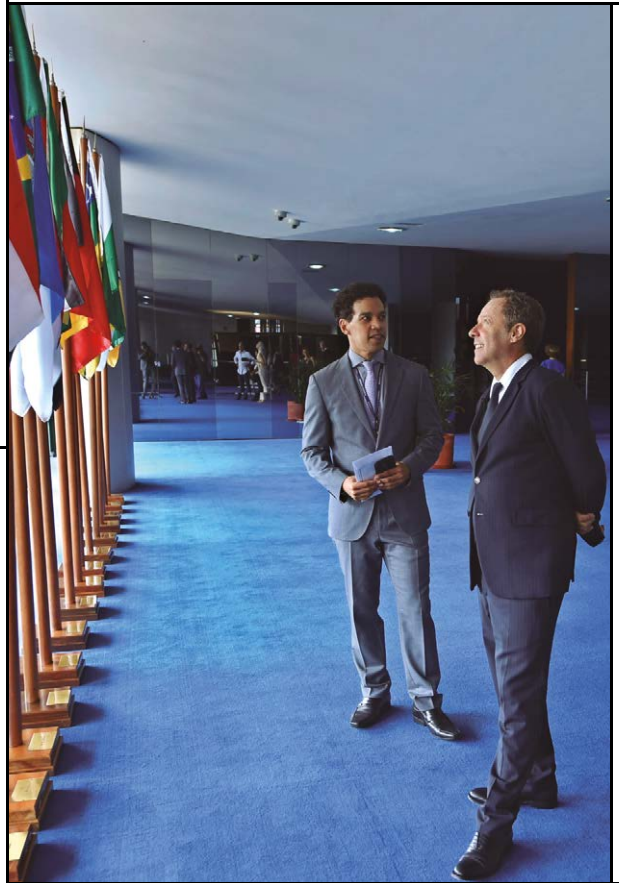
MUSEU



Lá do alto do edifício principal, que serve de plataforma para as cúpulas, ainda puderam apreciar a Esplanada dos Ministérios e as grandes e intactas vidraças dos Palácios do Planalto e do Supremo Tribunal Federal. Não parecia que, há um ano e um mês, os três prédios localizados na Praça dos Três Poderes haviam sido vandalizados.

Aos poucos, nuvens tomaram o céu, nuvens parecidas com as que circundam a imagem do Congresso no painel de Vik Muniz. Após entrevistas e outras atividades pelo Senado, Vik e sua equipe seguiram para a cerimônia de descerramento da placa da obra, a fase derradeira daquela empreitada. O Senado passaria a contar com “uma espécie de cicatriz”, uma obra para marcar a reconstrução da Casa após a tentativa de golpe contra a democracia. Salão Azul lotado de servidores, jornalistas e curiosos. O carpete sobre o qual todos pisavam substituiu o carpete molhado e danificado na invasão, que teve uma pequena

parte utilizada na produção do painel batizado de *8 de Janeiro de 2023*. Vidros temperados circundavam o espaço onde ocorria a cerimônia. Vidros estes colocados no lugar daqueles que brilham na imagem pendurada na parede do salão.





Ao abrir a cerimônia, o presidente do Senado Federal e do Congresso Nacional, Rodrigo Pacheco, recordou os ataques e agradeceu o gesto de Vik Muniz em doar a obra à Casa:

“Que as pessoas que aqui estejam sejam bem-vindas e pisem neste tapete para exercer democracia. Um dos fatos que coroa os 200 anos do Senado e reafirma a democracia é esse enorme ato de generosidade, de respeito e de consideração de um artista consagrado para com o Congresso Nacional, o Senado Federal e a democracia, fa-

zendo dos cacos e dos resquícios e dos resíduos de atos antidemocráticos uma belíssima obra de arte que estará, aqui, neste prédio, eternizada como um símbolo de resistência democrática. Hoje o Senado tem a satisfação de receber como ato de generosidade este presente deste grande artista, Vik Muniz”.

Em sua fala, Vik discorreu sobre o fato de que a arquitetura modernista nem sempre deixa “marcas”, por causa do tipo de material utilizado nas construções e pela facilidade de reforma. A ideia da obra



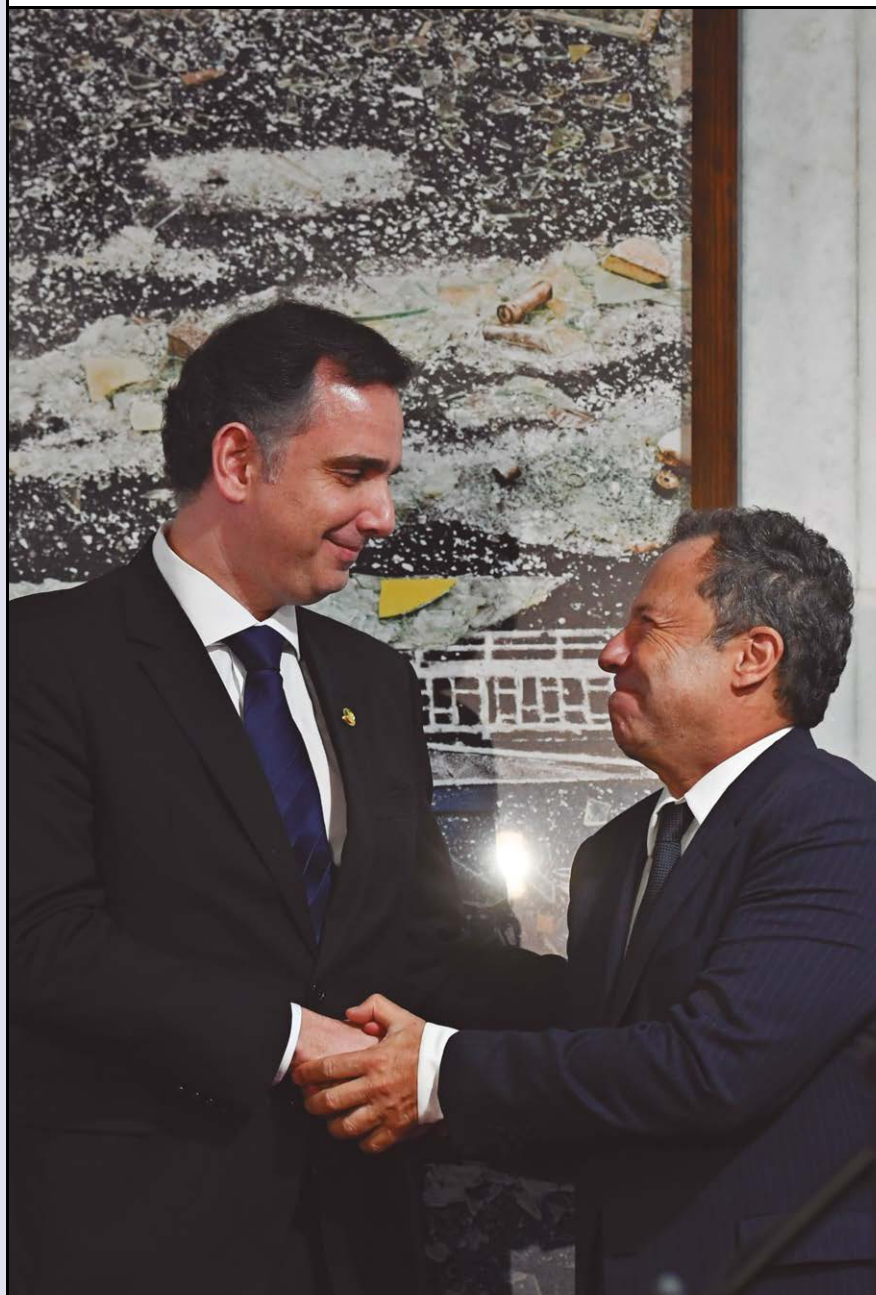
concebida por ele foi, portanto, deixar essa marca, como uma memória do triste episódio recente: *“Um prédio com arquitetura moderna não remete muito a essas cicatrizes, a esses amassadinhos. Geralmente tem superfícies retas, lisas, perfeitas. Pensei em como colocar um lembrete da história aqui no prédio do Senado. Tem um pouco de embelezar a falha, saber valorizá-la, e não perder essa conexão entre o que significa e o que passa a significar, uma vez que está organizada em uma forma específica”.*

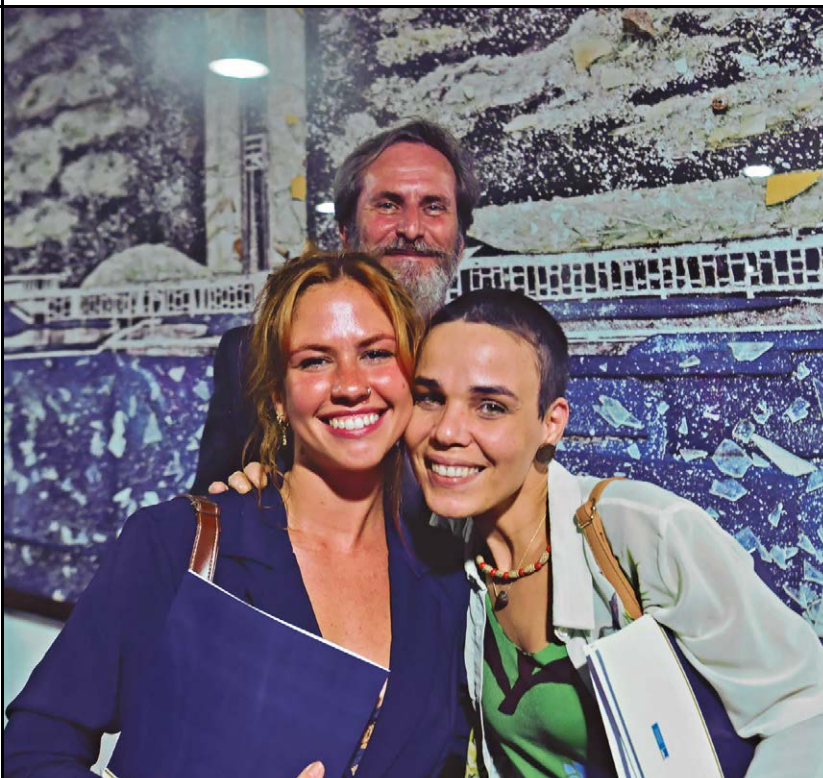


Sobre a obra, o artista disse que a proposta era passar a ideia de reconstrução do Palácio do Congresso Nacional.

“Quando eu tive contato com este material, não senti que deveria fazer um comentário sobre destruição. Acho que era necessário, nesse momento, trazer a ideia de reconstrução. Era colocar tudo na ordem que estava antes. Quando penso em Brasília, penso naquelas nuvens que parece que você pode pegar com as mãos, aquelas construções futuristas que Niemeyer imaginou. Eu optei por uma imagem que fosse alguma coisa pacífica, familiar, conciliatória. Que as pessoas pudessem ver aquele cartão postal novamente”.

Além de embelezar as peças, a técnica japonesa *kintsugi* é uma metáfora da resistência às adversidades. Objetos tratados com o tradicional método oriental chegam a ser mais apreciados do que eram antes de trincar, de rachar, de quebrar. A imensa foto feita de um grande mosaico produzido no estúdio de Vik Muniz, no Rio de Janeiro, e entregue ao Senado é uma marca dourada para cobrir a fissura da ferida do 8 de janeiro, uma cicatriz, um símbolo de resistência e força da democracia brasileira.





*“O 8 de janeiro é uma data
que deve ser superada, mas
jamais esquecida”*

Rodrigo Pacheco, presidente do
Senado e do Congresso Nacional







Veja também o documentário *Arte no Caos*, da TV Senado, sobre o processo de produção da obra *8 de Janeiro de 2023*.

